



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

SÃO LUÍS-MA | VOLUME 19 | NÚMERO 55 | JANEIRO-ABRIL 2026

CHAMADA TEMÁTICA - Fé e festas negras e afro-indígenas

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v19n55e29699>

Fé e festas negras e afroindígenas

Carolina Martins

Doutora em História pela UFF, professora adjunta na Universidade Federal do Maranhão - Campus Pinheiro e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade - PGCULT/UFMA. Participa do GT Emancipações e Pós-abolição da ANPUH, coordena o GPPeri/UFMA - Grupo de Pesquisa Memória e História Social na Amazônia Maranhense e é membro do GPMINA/UFMA - Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular.

 <https://lattes.cnpq.br/5466532892615835>

 <https://orcid.org/0000-0003-3572-4773>


 carolina.souza@ufma.br

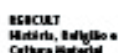
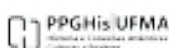
Lívia Nascimento Monteiro

Doutora em História pela UFF, professora adjunta na UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas) e professora colaboradora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória - UFF). Participa do GT Emancipações e Pós-Abolição da Anpuh e do grupo de pesquisa "Emancipações e pós-Abolição em Minas Gerais.

 <http://lattes.cnpq.br/0668067809335427>

 <https://orcid.org/0000-0003-4113-6521>

 livia.monteiro@unifal-mg.edu.br



APRESENTAÇÃO

O dossiê intitulado **Fé e festas negras e afro-indígenas** surge como uma proposta urgente de apresentar e debater o campo de estudos sobre as festas negras e afro-indígenas no Brasil e suas conexões com as experiências de fé existentes nas comunidades cujo passado afro-diaspórico e indígena são presentes. Compreendemos que os legados das populações africanas e indígenas podem ser vividos nas festas que mais do que eventos turísticos e de entretenimento, estão baseadas em espaços de afirmação identitária e lutas políticas contemporâneas.

Portanto, neste volume, buscamos compreender como a fé ultrapassa os templos e os terreiros e ocupa as ruas, num movimento que tem ritmos diferentes - como os tambores do Congado, a devoção das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário ou as toadas do Bumba meu boi - e encontram formas em comum de celebrar a vida e promover resistências contracoloniais, como bem defende Antônio Bispo dos Santos, quando afirma que os modos de vida ancestrais estão em confluências com a terra e o sagrado (Bispo dos Santos, 2023).

Além disso, entendemos que a virada epistemológica proposta por Nego Bispo coloca em xeque muitos estudos realizados por pesquisadores de diferentes áreas que ainda insistem em explicar as culturas negras e afro-indígenas como manifestações folclóricas. Por isso, um dos eixos centrais desse dossiê é o recorte sobre pesquisas - especialmente do campo da História, que compreendem a importância de observarmos os sujeitos nas festas e nas suas relações com o sagrado, nos modos ensinados pela profa. Dra. Martha Abreu, numa perspectiva alinhada à história social da cultura.

Ainda em diálogo com Martha Abreu e Matthias Assunção que discutem em importante artigo a abrangência dos conceitos sobre cultura popular e cultura negra, consideramos que o conceito de “cultura popular não daria mais conta de outros desafios políticos colocados pelos movimentos culturais de combate ao racismo e da naturalizada ideia de um Brasil mestiço, integrado racial e culturalmente. (...)” Por isso, atestam os autores que “o conceito de cultura negra, ao lado de cultura afro-brasileira, passou a cumprir o papel de não apenas enfatizar a ‘contribuição’ africana, mas de argumentar que esta havia sido dominante para a maioria das manifestações consideradas ‘tipicamente brasileiras’, como o samba ou a capoeira” (Abreu; Assunção, 2018, p. 24).

Sobre a presença de elementos que remetem às culturas indígenas em um número significativo de expressões populares, observa-se, como afirma Maria Acseraldi, que mesmo aquelas marcadas por uma africanidade, “revelam a complexidade da relação entre indígenas e negros, para além da sua relação com os brancos” (Acseraldi, 2020. p. 20). Nesse sentido, compreendê-las como festas e expressões culturais afro-indígenas, “mais do que determinar possíveis origens indígenas, cabe reconhecer intensas presenças, mesmo que escondidas sob o signo da invisibilidade” (Acseraldi, 2020. p. 35).

Vale pontuar também que nos distanciamos do campo das ideias que ainda estão embasadas nas noções de mestiçagem que seguem na linha de afirmação de uma possível democracia racial. Por isso, entendemos que as festas negras e afro-indígenas encontram terrenos férteis a partir do encontro forçado ocorrido desde o tráfico de africanos para o Brasil e os povos indígenas, como bem pontuaram Hebe Mattos, Christine Douxami e Jeremias Brasileiro (2024) quando explicam sobre o conceito afro-indígena sem a ideia de mistura em dossiê lançado recentemente. No mesmo sentido, também nos distanciamos da ideia de sincretismo para pensar as

complexidades inerentes às expressões culturais e religiosas afro-brasileiras e afro-indígenas, pois, como problematiza Jeremias Brasileiro, “utilizar-se do conceito de sincretismo como categoria de análise para entender as manifestações culturais populares, sobretudo, aquelas de viés catolicista ou de religiosidades afro-brasileiras provenientes de matrizes africanas é, indubitavelmente, uma opção que não dá conta do universo cultural simbólico” (Brasileiro, 2023). O autor defende o conceito de coexistência cultural religiosa ancestral, afirmando que “incorporar, acrescentar, fazer uso de outros elementos nos rituais afro-brasileiros” não significa necessariamente a substituição nem a eliminação dos elementos ancestrais pelos de natureza cristã.

Os textos aqui reunidos são plurais e abrangem diversos lugares do país, em especial, com a abrangência de trabalhos que tratam das regiões norte, nordeste e sudeste. Os espaços geográficos também foram determinantes para a composição do dossiê, para além da ideia de territórios fixos, mas de locais de memória negra e afro-indígena, demarcados desse modo ou em processo dessa titulação, como é o caso do sambódromo do Rio de Janeiro e dos terreiros de religiões de matrizes africanas em Salvador. Além disso, propusemos uma linha do tempo com cronologia linear, que vai do início do século XIX aos dias atuais.

O primeiro texto **Festas negras, batuques e religiosidade em Pernambuco (1810-1848)** narra as festas e as religiosidades da população negra em Pernambuco durante os anos de 1810 a 1848, com o foco, em especial, na atuação política das irmandades do Rosário. A autora, *Lidia Rafaela Nascimento dos Santos*, propõe uma minuciosa análise sobre as fontes administrativas dessas instituições católicas, além de periódicos e relatos de viajantes. A partir de um amplo diálogo com a historiografia oitocentista, o texto propõe a pensar a história social da cultura pelo viés do entrelaçamento entre música, ritos e disputas políticas no século XIX.

No texto **Uma polifonia de valores, símbolos e comportamentos: festas e celebrações do associativismo negro no imediato pós-abolição**, o autor, *Jonatas Roque Ribeiro*, apresenta uma refinada pesquisa documental em jornais e documentação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Sabará - região central de Minas Gerais - e demonstra as estratégias e iniciativas de homens e mulheres negras no imediato pós-abolição mineiro, com recorte temporal entre 1880 e 1890. Desse modo, com seus múltiplos valores, conflitos e negociações esses sujeitos conseguiram pleitear seus direitos de festejar e buscar igualdade e acesso à cidadania, mesmo diante de uma sociedade marcada pela exclusão e pelo racismo. O texto articula de maneira ímpar a renovação historiográfica do campo do pós-abolição no Brasil com a história social da cultura.

Da mesma forma, através do artigo **Desafiando as regras do jogo, o ensaio do Boi Vencedor (Manaus, 1919) - AM** conhecemos as estratégias de negociação dos brincantes de Boi bumbá em Manaus para garantir o seu direito de festejar. O autor, *Júlio Coimbra*, mediante a análise dos registros da imprensa manauara, do Regulamento de Diversão e de um processo criminal, discute a criminalização das manifestações culturais e de lazer dos trabalhadores, especialmente negros e pobres, evidenciando como a imprensa e o sistema judiciário reforçavam estigmas de desordem e marginalidade sobre esses grupos. A partir do episódio do ensaio do Boi Vencedor, destaca a atuação política e a resistência desses sujeitos diante de práticas repressivas, mostrando que as punições iam além da infração, tornando-se ferramentas de controle social e racial.

Os textos a seguir abrem alas para o tempo presente. **O altar das insubmissões: estética e coexistência religiosa no desfile da Mangueira 2017**, escrito por *Pedro Vitor Coutinho dos Santos* apresenta uma análise perspicaz sobre o desfile da escola de samba Estação Primeira de Mangueira em 2017, cujo enredo foi intitulado “Só com a ajuda do Santo”, assinado pelo

carnavalesco Leandro Vieira. O autor analisa o Livro Abre-Alas e outras fontes documentais e argumenta que, a partir do debate acerca das epistemologias insubmissas e da história social da cultura, esse desfile, em especial, transformou a Sapucaí num espaço de disputa, negociação e afirmação das identidades negras e periféricas. O texto evidencia que os desfiles carnavalescos podem ser compreendidos como documentos complexos e atravessados de histórias e memórias.

“Xangô rezado alto” em Alagoas: festas públicas de lavagem e o afroturismo é o texto apresentado por *Renata Lima, Silvana Ramos e Fabiana Lima* que analisa as festas de lavagem em Alagoas, compreendendo-as como expressões culturais que integram religiosidade, memória e afrofuturismo. Desse modo, três celebrações foram selecionadas para análise: a Lavagem do Pátio da Igreja do Senhor do Bonfim, em Maceió; a Lavagem do Rosário dos Pretos e a Lavagem da Calçada da Igreja do Senhor do Bonfim, ambas em Penedo. A pesquisa de cunho etnográfico foi realizada entre 2023 e 2025, com questionário semiestruturado que tentou perceber como as festas de lavagem podem ser lidas como atos políticos de ocupação dos espaços urbanos e de fortalecimento do afrofuturismo.

Ana Caroline Amorim Oliveira, Maria Alice Pires Oliveira Van Deursen, Conceição de Maria Belfort de Carvalho e Flavio Luiz Castro Freitas, autores do texto **Fé, território e memória: religiosidades afroindígenas na comunidade de Imbiral Cabeça-Branca (MA)**, apresentam as religiosidades afroindígenas na comunidade de Imbiral Cabeça-Branca, na cidade de Pedro do Rosário - MA, a partir de entrevistas de história oral e etnografia especialmente dos rituais como a pajelança e o culto a Santa Bárbara. Os argumentos centrais destacam a fé e a espiritualidade como instrumentos políticos de defesa do território.

São Benedito: um santo negro e sua devoção em dois contextos amazônicos, escrito por *Diego Omar Silveira e Sônia Cristina de Albuquerque Vieira*, apresenta as devoções a São Benedito no estado do Pará, onde o calendário festivo em diversas localidades é repleto de homenagens ao santo católico e em Parintins (AM) cujas devoções estão articuladas, em especial, ao Festival Folclórico da cidade. Nesse sentido, a figura de São Benedito aparece como um mediador das matrizes afro-indígenas desses territórios e as suas festas pautadas nos enfrentamentos políticos dos cenários urbanos. Através de uma abordagem etnográfica e histórica, os autores mostram como a fé ao santo atravessa diferentes temporalidades e está presente na constituição das identidades amazônicas.

E para fechar o dossiê, o texto **Da fé, da festa e dos caboclos em cenas**, escrito por *Christine Douxami* apresenta a relação indissociável entre fé e festa, mostrando como ambas estão profundamente ligadas à ideia de beleza. Analisa diferentes manifestações cênicas, como o xiré no candomblé, as procissões católicas (com destaque para a festa de São Sebastião) e os carnavais realizados no Rio de Janeiro e em Manaus. Enfatiza que a fé é um elemento central tanto na vivência quanto na representação dessas celebrações, considerando também a dimensão epistemológica e espiritual das culturas afro-indígenas, em especial a figura do caboclo. O artigo discute conceitos de beleza e emoção estética presentes nas festas religiosas, reflete sobre o papel da fé nas manifestações artísticas e examina como a fé afro-indígena se manifesta nos carnavais das escolas de samba, revelando a permeabilidade entre o espiritual e o performático.

Em trabalho anterior, argumentamos sobre a importância de tratar a cultura - e os festejos, em especial -, como um direito político e espaço de luta e afirmação no presente (Martins; Monteiro, 2022). Os foliões, congadeiros, brincantes do Bumba meu boi, irmãs da Boa Morte,

devotos de São Benedito e demais sujeitos retratados neste dossiê têm em comum o agenciamento político para manterem suas devoções e festas diante de uma sociedade ainda colonial, racista e desigual. Portanto, promover os encontros da Irmandade do Rosário em Sabará (MG) no início do século XX, organizar os desfiles na Sapucaí e ocupar as ruas de Cachoeira (BA) com os ritos da festa da Boa Morte no tempo presente são entendidas aqui como reivindicações de suas próprias existências apreendidos no tempo espiralar, conceito proposto por Leda Martins (2021), que analisa que nas performances das cosmopercepções africanas e afro-diaspóricas, o passado não ficou para trás, mas habita o presente através do ritual.

Nesse sentido, os textos aqui apresentados que optaram pelos relatos etnográficos das festas vão muito além das descrições simplistas que corremos o risco de ter quando tratamos desses eventos. As performances analisadas seguem, de maneira geral, as vivências dos ritos, as cores e formas das vestimentas, a sonoridade dos instrumentos musicais e a visualidade que nos encantam quando compreendemos os modos de vidas e cosmologias desses passados presentes, conforme discutido no episódio Os emaranhados das religiões afro-brasileiras: Candomblé, Umbanda e Kimbando (2025).

Diante da diversidade de artigos apresentados e agora publicados, entendemos que este dossiê apresenta uma importante contribuição para os debates acerca das festas negras e afro-indígenas no país. Convidamos, portanto, que os leitores e leitoras aproveitem a leitura e vivenciam, mesmo que através dos textos, as riquezas desses festejos.

REFERÊNCIAS

- Os emaranhados das religiões afro-brasileiras: Candomblé, Umbanda e Kimbanda. Locução de: Simone de Assis. S.I. Podcast Aweto-Ererrê, 3 nov. 2025. Disponível em: <https://mg.passadospresentes.com.br/festas-e-modos-de-vida/podcast/podcast-passados-presentes-aweto-ererre/>, Acesso em 20 abril 2026.
- ABREU, Martha; ASSUNÇÃO, Matthias. “Da cultura popular à cultura negra”. In: ABREU, M.; XAVIER, G.; MONTEIRO, L.; BRASIL, E. **Cultura negra**. Novos desafios para os historiadores. Vol.1 Niterói: Eduff, 2018.
- ACSERALDI, Maria. O Caboclinho como afeto: a presença indígena nas danças populares e tradicionais brasileiras. **Revista Hawò**, v.1, 2020.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- BRASILEIRO, Jeremias. **Sincretismo NÃO!** Coexistência cultural religiosa e ancestral, SIM! Uberlândia/MG: Ed. Subsolo, 2023.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.
- MARTINS, Carolina; MONTEIRO, Livia Nascimento. Pelo direito de festejar: o encontro entre os Bumba meu boi, as Congadas de Minas e os patrimônios culturais afro-brasileiros. **Patrimônio e Memória**. Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 200-222, julho-dezembro de 2022.
- MATTOS, Hebe; DOUXAMI, Christine; BRASILEIRO, Jeremias. Apresentação. **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 30, n. 2, 2024.